

ideias relacionadas com o tema, subdividindo o material segundo os seguintes itens: Tipologia da População Metropolitana, Psicofísica da Vida Metropolitana, Caracterologia do Habitante Metropolitano. Parte importante da obra é constituída de umas tantas questões e hipóteses de cuja formulação o cientista não deve por certo abster-se, mas que, pela impossibilidade de, por enquanto, fundamentá-las em bases fatuais, podem ser consideradas apenas como possíveis (e em alguns casos mesmo como audazes e até fantásticas); entre essas questões estão as tentativas de indagar se alimentos provindos de terras distantes do seu consumo ou a interrupção da radiação telúrica pelo calçamento das ruas não poderiam ter reflexos na existência biológica. O livro é rico em sugestões que, embora relacionadas apenas indiretamente com o tema, estimulam a reflexão do leitor. Assim, a discussão acêrca da importância histórica e universal da meticulosidade filológica, a evocação do juízo de valor, de Demócrito, a respeito da ciência, (p. 129 e s.), observações sôbre formas típicas do erro (p. 63), incursões no terreno da história, etc.

Conteúdo e forma das exposições revelam o autor como cientista que passou décadas a fio no convívio com objetos de vários campos de investigação e cuja fôrça parece residir no estabelecimento de conexões conceituais que tendem a ultrapassar as ciências especializadas. Assim consegue inspirar o leitor pela plenitude do jôgo de perspectivas. Parece impôr-se, no entanto, uma reserva. Quanto ao grau de validade das proposições, o texto nem sempre permite entrever a diferença entre conhecimentos comprovados, hipóteses e simples idéias — fato que pode confundir a mente do leitor, em particular do que se inicie na especialidade.

Toma-se conhecimento, com um sentimento de alívio (na página IX), de que o autor não pretende estar inteiramente a par da literatura existente sôbre a matéria, especialmente da que se publicou em outros países. Se a exposição estivesse à altura da bibliografia atual, certamente algumas das perspectivas sofreriam acentuação diversa e possivelmente ainda outros momentos viriam ocupar o primeiro plano.

O raciocínio científico sofre também a influênciade certa orientação valorativa no tocante ao fenômeno da metrópole, orientação bem própria do homem oriundo da esfera cultural alemã. Como quer que seja, o que o livro perde a êsse respeito em objetividade científica é compensado pelo seu valor como documento cultural do nosso tempo: indalítavelmente, um homem como Hellpach, tão profundamente integrado nas melhores tradições nacionais em sua maneira de julgar os fenômenos, não é um simples indivíduo isolado na posição que toma frente ao problema da metrópole; é, certamente, representativo para muitos alemães cujo pensamento se encontra em transição entre uma perspectiva determinada pela sua cultura e a pura objetividade científica.

*E. A. von Buggerhagen*

THEODOR LITT: *Staatsgewalt und Sittlichkeit*. 127 págs. Erasmus Verlag München, 1948.

Escrito nos anos atribulados da guerra, êste livro vale por uma resposta às condições altamente problemáticas do estado alemão naquele período. Não obstante, o autor soube manter atitude tranqüila e sobranceira, sem que qualquer ressentimento lhe turvasse a visão e o impacto de fatos particulares lhe desfigurasse as proporções e a perspectiva do pensamento. Encara, ao contrário, as relações entre o estado e a moral com elegância de raciocínio e expressão lingüística dignas de um Lessing e se a exposição re-

flete o estímulo dado pela atmosfera histórica, nem por isso falta ao conteúdo significação supra-histórica.

O estado, enquanto lhe cabe a função do poder político, é caracterizado por Litt, numa visão apriorística como instituição baseada essencialmente na liberdade humana, não obstante possa, em casos especiais, vir a agir no sentido de tolhê-la (pág. 33). Negar a natureza radical dessa liberdade é submeter o homem ao sacrifício de seu próprio ser. O estado, pois, longe de ser invenção do espírito, é expressão da essência humana. Partindo deste paradoxo, Litt passa a discutir as múltiplas manifestações da vida estatal, que tanto em sentido positivo como em negativo repercutem no desenvolvimento do pensamento moral.

Do ponto de vista antropológico é duplo o interesse da obra do eminente pensador. Em vez de atender ao sentido e à intenção das idéias, e de tomar em consideração o seu intuito filosófico, pode-se encarar o livro como objeto, como documento do proceder da elite intelectual alemã. Além disso, é de interesse antropológico determinar o conteúdo das idéias professadas na hora crítica pela grei filosófica, bem como tomar consciência do seu comportamento exterior e interior. Em um e outro sentido, a obra de Litt se afigura altamente representativa.

O grande objeto a que a obra é dedicada é a idéia da liberdade, tomada como valor que não se pode sacrificar por sua inerência ao ser humano. A profissão dessa idéia como ontologia — por sua vez expressão da liberdade — se enquadra na antiga herança intelectual dominante da nação alemã, tendo sempre subsistido afinal em detrimento de outras tendências que se lhe viessem opor. À sua predominância se devem as significativas realizações culturais e em especial a contribuição do pensamento germânico ao universal. Não se quer dizer com isto que o padrão de comportamento exterior e interior em face dos poderes hostis ao domínio espiritual seja especificamente alemão. Reveste-se, ao contrário, de um caráter comum ao das elites intelectuais de tôda a Europa ocidental em situações análogas.

No prefácio, datado de 1947, encontra-se a frase altamente significativa: "A presente dissertação foi escrita em 1942. O fato de ter ficado na gaveta por tanto tempo não requer explicação". O recurso ao silêncio para evitar a destruição física, atitude que na Alemanha assumiu caráter histórico nos encontros de Leibniz e de Kant com determinadas exigências do poder estatal, representa um traço de comprovada eficiência na prática da vida social; corresponde ao sentido da sabedoria grega, que lembra haver casos em que somente ao fugitivo será dado reaparecer no campo de batalha. A prudência dessa atitude deve-se o ter podido a elite espiritual da Alemanha manifestar-se no ano de 1945 como grandeza biológica, capaz de retomar a ação intelectual no campo dos temas superiores da existência.

Por sua vez, a atitude interior em face dos temas revela traços característicos dos pensadores da Europa ocidental. O assunto, discutido em plano objetivo, é analisado exclusivamente como problema filosófico; a tese e a prática de nosso tempo, segundo as quais a verdade política deriva de uma pragmática baseada numa ética naturalista, são submetidos a cuidadoso exame, encontrando a tese da liberdade a sua justificativa nos resultados positivos dessa análise; à formulação audaciosa de cunho dogmático, tão a gosto da índole política, opõe-se o fruto duma elaboração crítica, levada a efeito em obediência às normas metodológicas do trabalho científico. Ao padrão de tal procedimento corresponde também a convicção de que a atividade intelectual dos espíritos solitários de um povo nas zonas tranquilas do espírito absoluto, não atingidas pelos embates da violência, inere significação histórica, ainda que não se manifeste no rumor dos acontecimentos do dia.

Além do valor, porém, que representa como objeto na ordem das considerações antropológicas, o livro é de alto interesse, na mesma ordem de considerações, enquanto manancial de ensinamentos filosóficos.

Se diferentes ciências ou disciplinas se aplicam ao mesmo objeto, como no caso o fazem a antropologia e a filosofia, é de toda conveniência pôr em confronto os métodos e os resultados de um e outro setor. Diante da igualdade do objeto material, o trabalho de Litt oferece extraordinárias possibilidades neste sentido. A aplicação altamente consciente de um processo lógico apriorístico, tão diversa dos caminhos usados pelo antropólogo, fornece a êste pontos de referência para um aprofundamento reflexivo de seus próprios processos.

Não menos rica é a seara no campo das idéias, onde o autor precisa os conceitos de liberdade, de poder e de moral, cuja compreensão intuitiva é indispensável ponto de partida para as ciências positivas e cuja clarificação intelectual lhe facilita extraordinariamente a apreensão da realidade.

*E. A. von Buggenhagen*

JOSEF RÖDER und HERMANN TRIMBORN: *Maximilian Prinz zu Wied. Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens. Unter Mitarbeit von Josefine Huppertz, Udo Oberem und Karl Viktor Prinz zu Wied. 150 págs. e 16 figs. Preço: br. DM 12.80. Ferdinand Dümmlers Verlag. Bonn, 1954.*

O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, discípulo de Blumenbach, empreendeu nos anos de 1815 a 1817 uma expedição científica ao Brasil oriental com o intuito principal de aqui realizar estudos zoológicos. Em sua obra "Reise nach Brasilien", publicada em 1820-21, apresenta também abundantes informações antropológicas relativas a algumas tribos indígenas, especialmente aos Botocudos da área do Jequitinhonha; são dados preciosos, que revelam múltiplos aspectos da cultura de populações abrigenas hoje extintas.

Sobre a base dos manuscritos e desenhos do Príncipe, recentemente redescobertos no arquivo do castelo de Neuwied, na Renânia, os autores da presente publicação se entregaram à instrutiva tarefa de examinar o texto e as ilustrações da obra em confronto com os diários de viagem, as anotações, as cartas e os esboços deixados pelo ilustre viajante. Na introdução, Hermann Trimborn acentua que os desenhos originais de Maximiliano têm valor documentário superior ao das pranchas incluídas na obra impressa, porquanto nestas a fidelidade da representação foi, em vários pontos, sacrificada a imperativos de ordem estética ou artística. Karl Viktor Prinz zu Wied apresenta um esboço biográfico de Maximiliano; Josef Röder arrola o material existente no arquivo do castelo, na medida em que diz respeito à viagem ao Brasil, dispensando especial interesse à coleção de desenhos originais existente no espólio; Josefine Huppertz empreende a análise crítica do texto da "Reise nach Brasilien" à luz das notas manuscritas, reproduzindo também um vocabulário do idioma dos Botocudos; Udo Oberem, por fim, tece comentários etnográficos em torno dos desenhos. — O volume, que põe em relêvo a seriedade e o espírito objetivo e metuculoso do viajante renano, deve ser lido por quantos se interessarem pela crítica das fontes bibliográficas em que se apóia o conhecimento das culturas indígenas do Brasil.

*Egon Schaden*